

36.

MEMORIAL DE ALPENDORADA



	Rua do Memorial Alpendorada e Matos Marco de Canaveses
	41° 5' 20.05" N 8° 14' 49.71" O
	918 116 488
	x
	x
	Monumento Nacional 1910
	P. 25
	Acesso livre
	x

Conjugando as ideias de sepulcro e de monumento comemorativo, o Memorial de Alpendorada ergue-se, hoje, junto ao cruzamento das estradas nacionais 210 e 108, sob plataforma, numa área completamente urbanizada. No entanto, não é esta a sua original implantação, tendo a sua trasladação sido feita durante a década de 1970. Ao que sabemos, a sua edificação terá tido seguramente em conta a escolha de um lugar isolado. Datáveis da primeira metade do século XIII, estas sepulturas foram erguidas em terrenos ermos, embora com frequência junto a caminhos importantes, contrariando a tendência da época de localizar as necrópoles em espaço sagrado, na área de igrejas e capelas. Além disso, correspondem geralmente aos “fiéis de Deus” que, de certa forma, tiveram morte accidental ou em duelo, estando assim eclesiasticamente proibidos de se sepultarem em locais sacralizados. Não tem o Memorial de Alpendorada qualquer epígrafe que nos ajude a precisar a natureza da tumulação que nele foi realizada. No entanto, nas pedras superiores do plinto que serve de base ao arco está gravada uma longa espada com punho rematado por um pomo circular e dotado de guarda reta. O desenho da lâmina está de

OS "MARMOIRAIS"

"Há em Portugal, especialmente no Norte, uns pequenos monumentos isolados, junto dos lugares de passagem, cujas notícias, fiéis ou fantasiosas, a tradição mantém. Dá-lhes o povo o nome de 'marmoirais' (corrupção de memoriais) ou apenas de arcos, em vista da forma que quase todos apresentam". É com estas palavras que Pedro Vitorino procurou definir pela primeira vez, em 1942, este tipo de monumentos funerários, ao que se sabe, exclusivamente portugueses e popularmente designados como "arcos, arquinhos, memoriais e marmoirais".

acordo com a tipologia comum aos séculos XI e XII, mostrando gumes paralelos e uma ponta pouco pronunciada, denunciando assim uma função essencialmente cortante. Além disso, a partir da segunda metade do século XII, imperam os pomos com forma discoidal, forma idêntica à aqui gravada.

Este atributo da nobreza encontrava-se igualmente no monumento de Lordelo (Ancede, Baião), demolido no século XIX, e mantém-se ainda no de Sobrado (Castelo

de Paiva) (p. 104). Também na chamada campa dos templários (Marco de Canaveses), laje sepulcral medieval em granito existente em Alpendorada e Matos, perto do mosteiro de Alpendorada, existem relevos nos topos laterais que, apesar da sua difícil perceção, poderiam corresponder a uma espada de cada lado. Ou seja, em Alpendorada, estamos seguramente diante de um monumento funerário e memorativo de um membro da nobreza e, mais especificamente, de um cavaleiro.





O Memorial de Alpendorada foi edificado em granito, mostrando uma estrutura que se aproxima do da Ermida, em Penafiel (p. 96). É constituído por uma base com duas fiadas bem aparelhadas, a que se sobrepõe um arco de volta perfeita, composto por dez aduelas lisas. O conjunto é encimado por uma cornija com dupla moldura horizontal saliente, a todo o comprimento, que suporta por sua vez uma cumeeira de duas águas de acentuado pendente, enquadrada num e noutro lado como que por duas caixas de secção hexagonal. Este arco apoia-se sobre uma base paralelepípedica maciça, com sapata, com dupla cavidade mortuária.



D. SOUSINO ALVARES

A tradição popular tem vindo a associar o Memorial de Alpendorada ao cavaleiro D. Sousino Alvares, figura essa que anda igualmente ligada ao Memorial da Ermida (Irivo, Penafiel) (p. 96). Segundo um documento de 1114, citado por frei António da Soledade no século XVIII, este último seria o seu jazigo. No entanto, tendo em conta o estilo deste monumento, estamos diante de um memorial levantado depois da sua morte, erguido nesse caso para o relembrar.



A NÃO PERDER

• 0,6 km: Museu da Pedra (p. 276)